Estado do Amazonas

REVISTA Amazonense

Publicação official sobre INSTRUCÇÃO PUBLICA, SCIENCIAS, LETRAS e ARTES, fundada no governo do ex.mo sr. dr. ANTONIO CONSTANTINO NERY, em 1906.

MARÇO

ANNO I

N.º 3

Director — Octavio Pires

REDACTORES — Agnello Bittencourt, Theodoro Rodrigues, drs. Verediano Gonçalves, Luiz Barreiros e F. J. da Silva Ferraz.

Caixa postal N.º .....

MANÁOS

TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA CLASSICA

DE

J. J. da Camara

1906

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

Pede-se á imprensa o obsequio de enviar-nos para o Collegio Sant' Anna Nery, em Manáos, á rua Ramalho Junior, 29, os jornaes que derem noticia ou se occuparem desta Revista.

Revista Amazonense

Director: — OCTAVIO PIRES

Redactores: — Agneilo Bittencourt, Theodoro Rodrigues, drs. Verediano Gonçalves, Luiz Barreiros e F. J. da Silva Ferraz.

Vol. I — N.º 3 | Março de 1906

O KICHUA

ı lingua primitiva ainda falada na America

(Continuado do n.º antecedente)

Pelo mesmo motivo foi que os Samarianos do Seculo V rejeitaram a obra dos nassorethas, considerando-a impia, e coninuaram a admittir o Sépher de Moysés, scripto sem pontos vogaes.

Embora não se possa sustentar hoje, om bases seguras, essa opinião dos Rabinos, a verdade é que a pontuação adotada por diversos sabios lexicographos, não sendo muito exacta, serve todavia, para leterminar as fórmas grammaticaes do iebraico, quer quanto ao nome, quer quano ao verbo ou relação. Ha, porém, alguma coisa ainda mais seria do que a introdução erronea das vogaes nos textos hebraicos da Biblia, — são os erros commettidos pelos copistas.

Assim o fez já observar o sabio Ladvocat, doutor da Sorbonne e um dos vultos mais celebres desta illustre instituição. Com effeito, copiando-se textos ha mais de tres mil annos, é impossivel que os copistas não tenham incorrido em um grande numero de erros, nos differentes exemplares que têm escripto, quer tomando uma letra ou uma palavra por outra, quer omittindo uma ou muitas letras ou palavras; de uma só palavra fazendo duas ou de duas uma; destacando de uma palavra uma ou varias letras e attribuindo-as á palavra precedente ou á seguinte, etc.

Não se póde suppôr que todos os copistas tenham comprehendido e seguido á risca a orthographia dos textos, e que jámais os tenham copiado sob o dictado de outrem; — e assim a pronunciação semelhante dos termos em differentes logares e por orgãos differentes tem occasionado muitos outros erros para os copistas, pois o Pentateuco hebraico foi copiado innumeras vezes, desde Moysés até ser impresso.

Mas suppondo ainda que os pontos vogaes do Massorah e dos lexicographos fossem exactos, ter-se-ia que attender á maneira diversa de emittir os sons e os accentos peculiar a cada povo: — os francezes, os inglezes, os italianos, os allemães, os portuguezes, os polacos e os syrios pronunciam differentemente a mesma palavra e a mesma vogal, — o que torna illusorio o fim proposto pelo Massorah de Tiberiade.

* * *

Do estudo, não critico, mas apenas comparativo, dos principaes nomes hebraicos do Genesis e da traducção que delles têm feito os lexicographos, resaltará, firme, a convicção de que o Kichua é a lingua primitiva, anti-diluviana. E a aproximação das etymologias hebraicas com as do Kichua parece constatar que esta ultima lingua contem, melhor que o hebraico, o sentido historico dos nomes biblicos, muitas

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

vezes mal traduzidos pelos commentadores, que ignoravam a existencia do Kichua.

Transportada da Asia para o continente americano, em uma época prehistorica, é notavel que esta lingua, ainda viva, falada neste momento na America por tres milhões e meio de individuos da *raça vermelha*, tenha sido preservada do anniquilamento que a feriu na Asia, seu berço, ha alguns milhares de annos, emquanto que o hebraico, completamente perdido ha mais de 2.600 annos, na sua propria patria, não ficou vivo em nenhum dos descendentes das doze tribus de Israel. Parece, pois, que o Kichua, que se escreve com dezoito letras sómente, se bem que aperfeiçoado em suas fórmas grammaticaes, conservou a sua linguagem primitiva tradicional; e tudo leva a crer que os nomes que foram insertos no Genesis de Moysés provém do Kichua ou de uma lingua congenere desconhecida, anterior á hebraica muitos seculos, e que a inscripção de taes nomes no Genesis é devida á tradição.

E não é somente sob o ponto de vista da philologia, da ethnologia e da historia sagrada que o Kichua é precioso; dá tambem o valor historico dos nomes que estiveram em uso entre muitos povos da antiguidade, como os da mythologia dos gregos, que a essa lingua foram buscar os nomes tradicionaes de suas divindades.

Por isso Homero diz: «Não conhecemos absolutamente a origem dos nossos deuses; perde-se na noite dos tempos.» Da lingua hieroglyphica dos antigos egypcios se póde egualmente colher um bom numero de palavras que, com identicas significações, existem no Kichua.

Taes factos revellam, pois, a extrema antiguidade dessa lingua, transportada para o nosso continente sem duvida no tempo da Atlantida, ou, pelo menos, muitos seculos antes de Héber, o fundador do povo hebreu.

Os povos dos dois grandes continentes separados pelo oceano atlantico conheceram-se e communicaram-se, evidentemente, e sobretudo os que eram da raça vermelha, cujo primeiro pae foi Adão, — *o homem vermelho*. Os povos vermelhos que delle descendiam eram anti-diluvianos; e depois do diluvio pertenciam á raça cananéa, denominada pelos gregos phenicia, porque na sua lingua *Phoinikès* significa *vermelho*.

Os outros povos vermelhos foram os egypcios, os atlantas e os americanos. Na Asia, os vermelhos foram exterminados por Josué; os arabes exterminaram os egypcios; os atlantas foram absorvidos por um terrivel cataclysmo; os romanos, em suas guerras punicas, destruiram Carthago e muitas outras cidades phenicias do litoral africano; e esta raça vermelha, ainda existente na America, está em via de desapparecer completamente, em consequencia do exterminio a que parece haver sido condemnada, desde o tempo de Abrahão.

Platon, que deixou uma grande descripção da civilisação dos Atlantas e do seu poder maritimo, deu-nos a posição geographica da America, que elle colloca exactamente entre o Atlantico e o grande Oceano, a que chama *o grande mar*. Ao continente americano dá a designação de *grande terra firme*, na qual reinavam reis e rainhas da Atlantida. E Critias, avô de Platon, accrescentou — que a região que seu neto denominava *grande terra firme* era um *verdadeiro continente*.

Segundo OElianus (hist. 3), Theopompa, poeta e historiador grego, conta que Silène ensina a Midas, rei da Phrygia, que para além, longe da Asia, da Europa e da Lybia (Africa), — que são — diz elle — propriamente falando, apenas ilhas, — existe um *verdadeiro e unico continente* de uma immensa extensão e habitado pelos Meropianos. Theopompa chama a este quarto continente *Méropis*, e diz que elle é governado por Mérope, filha de Atlas, rei da Lybia. O seu governo é muito anterior á tomada de Troia e precedeu o diluvio de Deucalião, que teve logar, segundo os marmores de Paros, 1.529 annos antes da era christã.

Platon, referindo-se á submissão da Atlantida, faz remontar este cataclysmo a nove mil annos antes, supposta época do diluvio de Ogygés.

Os antigos historiadores gregos narram a grande invasão dos Atlantas, que foi feita, a um tempo, não só pelo solo pelasgico ou da Grecia, mas tambem pela Lybia até ao Egypto e pela Europa até á Tyrrenia (Italia). Esta invasão, *vinda do mar Atlantico*, fez-se *pela colligação dos reis do*

vasto imperio dos Atlantas, entre os quaes eram incluidos os da parte da *terra firme* (America) sujeita ao seu dominio.

Os Méropianos não eram outros senão os *Antis*, que subsistem ainda nos Andes da America do Sul.

Atlantis, nome conhecido entre os gregos, tem sua etymologia na antiga lingua egypcia: — *Atl* significa «paiz», *Anti* significa *valle*, *alto valle*. E' pois evidente que as populações da Ilha Atlantida e as do continente americano eram de uma mesma origem e ambas da raça vermelha. Ora estes *Antis* falam a lingua Kichua, que era, certamente, a dos Atlantas ou habitantes dos *paizes de valles*.

(Continúa).

SILVA FERRAZ.

A LINGUAGEM HUMANA

I

A linguagem, que marcha parallelamente ao desenvolvimento social, é, incontestavelmente, seu orgão principal, senão o mais importante da actividade pratica.

Sem ella, a divisão dos officios e as convergencias dos esforços humanos seriam impossiveis, porque os homens não teriam meios de se communicar; donde: a actividade humana nenhum desenvolvimento teria, e a ligação das familias na sociedade seria impossivel.

É pelo aperfeiçoamento da linguagem que a especie humana predomina sobre todas as outras; e este predominio vem de poderem as gerações presentes archivar as noções adquiridas de suas investigações praticas ou scientificas, de modo que as gerações futuras têm os meios de conserval-as, melhorando, tanto quanto em seu tempo seja possivel, o patrimonio das gerações passadas; e é por falta desse aperfeiçoamento que nas especies inferiores isso não é possivel.

Comprehende-se que os animaes, no fim da vida, têm um certo numero de noções adquiridas por elles mesmos; mas como não possuam meios artificiaes para archival-os, as gerações que lhes succedem precisam de novo adquiril-as, de sorte que, entre elles, não ha progresso, e si o ha é assaz lento e muito demorado.

A primeira linguagem da especie humana foi a de acção, manifestada pelos actos; mais tarde, então, é que a linguagem se foi aperfeiçoando: á proporção que os signaes de naturaes passaram a systematicos.

Como o desenvolvimento da linguagem é parallelo ao desenvolvimento social, e como as especies inferiores não possuem um certo gráu deste desenvolvimento, não precisam, portanto, um aperfeiçoamento correspondente da linguagem.

Mas não quer isso dizer que os animaes não tenham até certo ponto uma linguagem systematizada, que se não apresenta maior gráu de desenvolvimento é em consequencia da pressão que sobre ella exerce a especie humana; e para provar que a linguagem artificial existe não só em nós, mas tambem nos animaes, aqui temos um exemplo que o demonstra claramente: um cavallo desejando que um outro venha coçar-lhe uma certa parte do corpo, vai mordel-o justamente no logar correspondente áquelle em que sente o prurido.

E' por intermedio dos sentidos que o homem recebe as impressões do mundo, as quaes vão ao cerebro, que sobre ellas elabora as idéas transmittidas exteriormente pelos signaes. Assim, pois, a linguagem só póde ser relativa aos sentidos, que estabelecem signaes que possam ser vistos a distancia, porque a lingua só tem por fim a communicação. Não é ella criação do individuo, mas criação subjectiva da especie; e são as necessidades sociaes que vão accumulando os signaes, de modo a poderem ser archivados, ou registados, para servirem ás gerações futuras; e tanto isso é verdade, que o individuo doente não póde, em certos casos, dizer ao medico o que precisamente sente, pois, para tanto, não deixaram signaes as gerações passadas.

Demais, não ha, rigorosamente, inventores. Quem introduziu na numeração o zero, não o inventou: satisfez, apenas, a necessidade secular da Arithmetica, con-

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

signada desde as theocracias dos Gregos, de um signal que representasse a ausencia de numeros, afim de que chegasse ella á perfeição dos Arabes.

Assim, pois, é a linguagem uma criação social — o producto de uma serie de impulsões vindas para preencher certas necessidades — e não um dom sobrenatural, como se a considerava antigamente, proprio só á Humanidade.

Alguns escriptores que combatem as theorias materialistas de Lamarck, Darwin, Haeckel, apresentam, em seu favor, este argumento: «Sendo a linguagem articulada um privilegio do homem, não póde elle descender de um macaco antropoide.

E' isso, porém, um argumento destituido de fundamento, porque — a palavra é o resultado de um aperfeiçoamento longo e demorado da systematisação da linguagem.

Sendo relativa aos sentidos, a linguagem não póde empregar senão tres systemas de signaes exteriores, parallelamente ás impressões inferiores. Estes signaes devem dirigir-se aos sentidos que possam ser affectados de longe: olfação, visão e audição.

Assim, temos tres fórmas de linguagem: a olfativa, a visual e a auditiva. A que se refere ao olfato é de pouca importancia, attendendo-se á pequena energia deste sentido e á especie humana, se bem que haja individuos com o olfato tão desenvolvido que são capazes de distinguir, pelo cheiro, a passagem de uma pessoa conhecida, tal qual um cão. Desse modo, poder-se-ia constituir uma linguagem olfativa, porém muito imperfeita, pois os dois sentidos que produzem a verdadeira linguagem humana são a vista e o ouvido.

A primeira fórma da linguagem visual é a mimica, constituida por signaes artificiaes ou não, produzidos em certas actitudes.

E' por meio de um tal artificio que, se dois individuos querem communicar-se, basta que colloquem em determinadas actitudes, de modo a serem comprehendidos.

Na linguagem mimica está comprehendida a dança, principalmente a primitiva, que serve para manifestar a alegria de que se está possuido.

Da necessidade extraordinaria de se poder representar os signaes da linguagem mimica, para serem archivados, uma vez systematicos, servindo-se das diversas actitudes do corpo, representadas em pedra, madeira ou metal, se originou a Esculptura; e do desejo de todas estas representações serem feitas em um mesmo painel, surgiu então a Pintura.

De tal modo, vemos como a linguagem mimica desdobrou-se na Esculptura e na Pintura, as quaes tornam-se necessarias, devido á rapidez e á falta de fixidez da expressão mimica.

E foram essas duas sublimes e valiosas partes das Bellas-Artes que tiraram as imperfeições da mimica, podendo, desde então, os signaes ser conservados e transmittidos ás gerações successivas. Inda um seculo depois de Christo, segundo um volume intitulado «Choncoeu», escripto por Hinchin, havia dentre os chins signaes figurativos para exprimir as idéas: tres figuras de homens, uns por detras dos outros, significavam *seguir*; duas mulheres, *processo*; um sol por detrás de uma arvore, o *Oriente;* um passaro sobre o seu ninho, o *Occidente;* e uma ou duas mãos, os *artistas*.

Nylo Guerra.

MALES A EXTINGUIR

III

Parecerá sobremodo escabroso a muita gente o assumpto deste terceiro artigo, desta serie que estamos publicando desde o primeiro numero da *Revista*. A' primeira vista, á primeira leitura elle definitivamente tem alguma coisa de escabroso e mesmo de violento; mas, considerado á luz da razão, do bom senso, concordarão os leitores em que commettemos um acto de inteira justiça, acudimos a uma necessidade inadiavel da hygiene, com quanto nos achemos em difficuldades para a execução plena deste trabalho.

Além d'isso temos receio de que levem a mal, de que se sensibilisem com este nosso modo de falar franco e rude, por-

que não podemos cruzar os braços diante de tantos factos deprimentes da nossa educação e attentatorios a todas as leis do ensino.

Temos observado uma lastimavel falta de cuidado na hygiene das crianças.

Não queremos falar já na falta de gosto dos vestuarios; deixaremos de parte outras coisas que mais ou menos affectam uma certa gravidade: simplesmente trataremos do aceio dos dentes e das unhas. Conversando um dia com um dos mais bellos ornamentos do nosso professorado primario, ouvimos-lhe estas palavras criteriosas e prenhes de uma profunda e amarga verdade: «E' demasiadamente lastimavel o descuido, a indifferença criminosa, o desleixo mesmo que se tem pelo aceio, pela hygiene e pela saude das crianças. Estive em uma escola e francamente achei-me em seria difficuldade para supportar o *extranho perfume* que saia da bocca de certos meninos, vendo-me eu na precisão ou na precaução de tel-os longe de mim para dizerem a lição. Depois notei que as unhas estavam funebremente tarjadas, apresentando as pobres crianças um aspecto triste, doentio e lastimavel, denunciando uma perfeita falta de saude.»

Estas palavras que aqui ficam infelizmente não podem ser contestadas e eu nada mais fiz senão confirmal-as, porque tambem tenho observado tudo quanto ahi fica exposto.

E' tão commum ver-se tantas crianças com os dentes completamente estragados, roidos pela carie, mutilados, ennegrecidos pela falta de trato, pelo abandono da pobre escova e de um pouco de pasta.

A culpa de tudo quanto aqui estamos apontando não a têm os pobres alumnos, não a têm os pobres professores, mas simples e unicamente a familia que se descuidou por completo do trato hygienico que se deve dispensar ás crianças, a fim de garantir-lhes a saude e evitar certo atrophiamento de organismo. A culpa cabe inteira á famila, repetimol-o, por que só a ella cabem estas responsabilidades de educação. Não nos daremos ao trabalho de deixar aqui conselhos de hygiene, principalmente no que diz respeito a factos da ordem destes que ora commentamos, porque elles são communs e estão ao alcance de qualquer pessôa, de qualquer mãe de familia que se queira dar ao trabalho de cuidar carinhosamente da saude dos filhos, de evitar a deformação physiologica que elles podem adquirir, quando fóra completamente das leis da hygiene.

THEODORO RODRIGUES.

Pelo ensino

Dia a dia, a iniciativa particular, no meio da indifferença de uns e ao lado do louvavel empenho de outros governos em prol do desenvolvimento da instrucção, vai abrindo mais largo campo á conquista do saber, ampliando sempre os dominios de todos os conhecimentos por meio do ensino cada vez mais methodico e proveitosamente prodigalizado.

E' doce e consolador ver que, entre nós, todas as iniciativas se activam e estimulam no interesse nobilitante de aperfeiçoar e diffundir a educação da mocidade nos diversos estabelecimentos que já existem.

E', todavia deploravel que os pais de familia, notadamente os do interior do Estado, ainda se apeguem á bolorenta rotina de só muito tardiamente enviarem seus filhos ao ensino da Capital, acontecendo muitas vezes chegarem alumnos adultos para o curso primario e outros ainda, para o secundario, mas sabendo apenas noções incompletas dos primeiros conhecimentos, atulhados de horriveis garabulhas e arrevezados rudimentos, que os viciam para a vida inteira.

Temos visto e observado alguns d'esses moços, cujo atrazo toca o extremo de mal nomearem os caracteres alphabeticos, e, a menos que não se trate de ligeira e defeituosa soletração, ignoram absolutamente os indispensaveis principios da phonetica.

Não queremos com esta apreciação chegar ao defeito contrario. Seria, por certo, mais lastimavel exigir das crianças de muito tenra idade o exhaustivo esforço dos cerebros desenvolvidos,

E' preciso bem discernir as capacidades do menino, porque os progressos que apresentam ás vezes nos primeiros annos, são

illusorios e servem somente de hypertrophiar a intelligencia pelo trabalho precoce e principalmente a memoria, que acarreta sempre a bagagem pesadissima de tudo que tomou de cór.

Releva que sejam os pais mui judiciosos em escolher o tempo de proveitosa iniciação.

Quando despontam nalma da criança os intimos reflexos da consciencia moral; quando despertam em seu cerebro um certo vigor preciso e inequivocos lampejos do seu entendimento, é propicia occasião de lançar-lhe no espirito os elementos iniciaes educadores e curar da pureza de seu coração, isolando-o de tudo que possa perdel-o. É o tempo em que o novo rebento reclama o orvalho criador d'arvore protectora e altiva. Se a criança manifesta já a comprehensão do que vê e do que vae sentindo; se, mediante sua linguagem infantil, começa a demonstrar os albores das faculdades mentaes e affectivas, é chegado o momento de conduzil-a á escola e cuidar, concomitantemente, da educação do seu caracter emquanto tem a alma vivaz, candida e pura como a luz do sol que vai se erguendo.

Desde então, convem fazer-lhe nascer e desenvolver no coração os sentimentos de respeito pelos pais e pelos mestres, o culto das leis, da religião e da moral — que é a base de preparar cidadãos aptos e fortes para a obra do aperfeiçoamento social.

Outro prejuizo de que padecem, frequentemente, os pais—é a indifferença com que olham o primeiro educador dos seus filhos. E' sabido que, dada a poderosa influencia do professor sobre o alumno, que somente vê no seu preceptor a synthetização do bom, do justo, do honesto e de tudo quanto é digno de imitar-se, se perpetuam na criança as indeleveis impressões das maneiras do mestre, de seus modos de falar, do trajar e do sentir; e, na hypothese de se tratar de um educador atrazado, banal, viciado e descuidoso, vão-se reflectindo, todas essas baldas ou, ás vezes, repellencias nas almas infantis, que, como disse o auctor da «Musa em Ferias»:

«.. ...são brandas como a neve,
São perolas de leite em urnas virginaes:
Tudo quanto se grava quanto alli se escreve
Crystalliza em seguida e não se apaga mais.»

Depois, ha professores que, embiocados sob as exterioridades lantejouladas de uma prosa de outiva, são pessimos iniciadores do ensino, não só porque encaminham erradamente todo o processo rudimentario das lettras, mas ainda porque d'essas feias garatujas jamais se corrigirá o principiante. *Inveterata vitia ægre depelluntur.*

Imposta, pois, antes de tudo, que a mais sensata escrupulosidade dos legitimos interessados presida a eleição dos primeiros educadores.

Felizmente, entre nós não ha mais razão de haver esses prejuizos de escolha.

Temos muitas instituições de ensino, que se apoiam em um programma concreto e com disciplinadores conhecidamente abonados.

Possuindo tantos e tão bons elementos, já os pais podem ter precisa antevisão dos resultados de seu empenho na educação dos filhos.

Hoje, os nossos estabelecimentos de educação se escoimaram dos velhos e deficientes moldes cogenitivos, e a instrucção, que repousa nos methodos mais aperfeiçoados e vantajosos, assegura farta messe de proveitos compensadores.

Por ora, limitamo-nos a essas ligeiras apreciações que prendem com a pessoa do educando; depois, se ainda merecermos o espaço que uma generosa fineza aqui nos abriu, diremos sobre o ensino.

DANIEL V. CARNEIRO

PEDAGOGIA

PRELECÇÃO AOS MEUS ALUMNOS

ENSINO DE COISAS

II

Falamos em nossa passada prelecção sobre a divisão dos corpos e a relação entre os tres reinos da natureza. Começaremos hoje o estudo desses reinos, e por mais interessante que seja tudo quanto a elles diz respeito, nos occuparemos de preferencia do *Reino Animal.*

O animal póde ser estudado e descripto

sob diversos aspectos. O estudo de sua organisação, do desenvolvimento de seus orgãos, suas funcções e propriedades, constituem as sciencias que se chamam *Zoologia* e *Physiologia*; o da classificação scientifica, o dos logares de suas habitações, etc., constitue a sciencia que se chama *Zoologia Descriptiva*.

Por esta segunda fórma que nos occuparemos dos animaes, exceptuando o homem, que pela sua superioridade sobre os outros animaes, o examinaremos sob todas as fórmas.

O numero de animaes que povoam a terra é immenso, e notaveis são as differenças que apresentam entre si, e que se manifestam na fórma, no tamanho e no modo de vida.

Os animaes têm duas vidas; uma, a que se chama *vegetativa*, tanto pertence ás plantas como aos animaes, e que comprehende a nutrição e reproducção; e a outra, a vida *animal*, que só os animaes possuem, e que se traduz em todos os actos que servem para os pôr em contacto com os outros seres.

Para facilidade do estudo dos animaes, os naturalistas os dividiram em grupos.

O reino animal está pois dividido em cinco grandes grupos ou typos, estes em classes, as classes em ordem, as ordens em tribus, as tribus em familias e as familias em generos, os generos em especies e as especies em individuos.

Typo é a reunião de classes. Os individuos pertencentes a differentes typos têm enorme differença nos seus caracteres, sendo impossivel confundil-os.

Classe é a reunião de ordens.

Ordens é a reunião de tribus similhantes.

Tribu é a reunião de familias similhantes.

Familia é a reunião de generos similhantes.

Genero é a reunião de especies que além de similhantes pelos caracteres internos e externos, ainda se parecem pelas fórmas exteriores.

Os typos em cinco grandes divisões dos animaes, são: VERTEBRADOS, ARTICULADOS, MOLLUSCOS, ZOOPHITOS e PROTOZOARIOS.

VERTEBRADOS, chamam-se os que têm vertebras; e vertebras são os ossos do espinhaço. Compõem o typo dos vertebrados, — o homem, o elephante, o leão, o gato, o rato, o morcego, a baleia, a phoca, o veado, o cachorro, a paca, a cutia, os peixes e as aves.

ARTICULADOS são os que são feitos de anneis successivos e não têm ossos. Desses fazem parte as abelhas, as formigas, as cobras, os gorgulhos, as pulgas, os persevejos, os grillos, os gafanhotos, as cigarras, as borboletas, as moscas, etc.

MOLLUSCOS são os que não têm ossos, que exteriormente não apresentam anneis, e são protegidos por peças duras e que se chamam conchas, como por exemplo o caracol, os busios, as lesmas, os mexilhões, os caramujos, as ostras, etc.

ZOOPHITOS OU ANIMAES PLANTAS são os que têm orgãos que parece sairem de um ponto central, como os raios de uma roda. Desta classe fazem parte os ouriços do mar, as alfarrecas, os coraes, as madreperolas, etc.

PROTOZOARIOS OU ANIMAES MAIS SIMPLES são os formados por um só elemento, tendo poucos orgãos, e algumas vezes imperceptiveis aos nossos olhos, como as esponjas, os animaes que se encontram nas materias em putrefacção, na agua doce ou salgada, no vinagre e em outros liquidos e que só com o auxilio de um instrumento chamado microscopio, podemos observar.

Os typos de que acabamos de falar dividem-se, como já dissemos, em classes. Nos occuparemos, por ora, das do primeiro typo, os vertebrados.

CLASSES

TYPOS DOS VERTEBRADOS	Mammiferos, os que têm mammas. Aves, os que têm pennas. Reptis, os que andam de rastos. Batrachios, as rãs. Peixes, os que têm escamas e vivem na agua.

1.ª classe dos Vertebrados-Mammiferos

Desta classe são os mammiferos os primeiros e os mais importantes do reino animal, pela sua mais perfeita organisa-

ção. O homem está nella comprehendido, bem como os animaes que lhe são mais uteis.

Os MAMMIFEROS vivem uns em terra, outros nos mares, lagos e rios: todos têm um caracter especial que os distingue. Chamam-se mammiferos por darem á luz a filhos vivos e alimentarem-nos com um liquido especial chamado leite.

A femea tem para isso orgãos especiaes, as mammas, cuja situação é umas vezes no peito, outras no ventre, e algumas vezes perto das articulações dos membros posteriores; variando o numero segundo os filhos que podem ter de cada vez.

A mulher, a femea do mono e a do elephante têm só duas; a leôa e a vacca quatro; a gata oito; a coelha dez e a rata doze.

Os MAMMIFEROS estão divididos em dezesete ordens, segundo alguns naturalistas, segundo outros, em maior numero.

São ellas: OS BIMANOS, OS QUADRUMANOS, OS CARNIVOROS, OS CHEIROPTEROS, OS INSECTIVOROS, OS ROEDORES, OS DESDENTADOS, OS PROBOSCIDEOS, OS JUMENTADOS, OS RUMINANTES, OS PORCINOS, AS PHOCAS, AS SERENIDAS, OS CETACEOS, OS MARSUPIAES, OS ECHIDNOS, OS ARNILHORINCOS.

Os BIMANOS contém uma só especie — o homem.

Os QUADRUMANOS, os monos, ou macacos, são os que tem quatro mãos como o orango-tango, o chimpanzé, etc.

CARNIVOROS são os que se alimentam de carne; alguns têm garras agudas, com que dilaceram a presa; como — o gato, o tigre, a onça, o leão; outros como o lobo e o cão não têm garras; todos, porém, possuem quatro dentes fortes e agudos, chamados caninos e que lhes servem para despedaçar a carne crua e roer os ossos. Estes animaes, na mór parte são ferozes.

Os CHEIROPTEROS são animaes de configuração especial e apezar de serem mammiferos, voam como ave. Faz parte desta especie o nosso muito conhecido morcego.

Os INSECTIVOROS são os que se alimentam com insectos e de outros animaes pequenos; taes são a toupeira, o ouriço-cacheiro, etc.

Os ROEDORES, cujo caracteristico principal é a fórma dos dentes incisivos, os da frente, proprios para roer os fructos, as sementes e as raizes. Desta especie faz parte o rato, a cotia, a paca, a lebre, o coelho, etc.

Os DESDENTADOS são os que não têm dentes incisivos; para apanharem as formigas e os pequenos insectos de que se alimentam, servem-se das unhas, que são muito compridas e da lingua que é delgada.

Alguns sustentam-se tambem de vegetaes e vivem sobre as arvores.

Pertencem a esta ordem a preguiça, o tatú, o tamandoá, etc.

Os PROBOSCIDEOS são animaes de fórmas colossaes, cujo nariz prolongando-se forma uma tromba, servindo-lhe de membro de prehensão, e ao mesmo tempo de arma de defeza. Desta especie, apezar de ter sido muito numerosa antigamente, hoje só resta o elephante.

Os JUMENTADOS são os que têm os dedos envolvidos em cascos. Entre outros citaremos como exemplo, o cavallo, o burro, a zebra, o rinhoceronte, o tapiro, etc.

Os RUMINANTES são os que têm quatro estomagos e são bem conhecidos pelas patas fendidas e por isso chamados animaes de pé rachado. Fazem parte desta classe o camelo, o veado, o boi, a vacca, a cabra, o carneiro, a gazella, o bufalo, etc.

Os PORCINOS são os que têm o focinho em forma de tromba e serve para fossar na terra.

Fazem parte dos PORCINOS o porco, o javali, o taititú, etc.

As PHOCAS são animaes que tem o focinho similhante ao do cão, barbas como o gato, e o corpo coberto de pello, terminando numa BARBATANA.

Vivem nos mares e só vêm á terra tomar o sol e amamentar os filhos. Além da phoca commum, ha a morsa ou cavallo marinho, que tem dois dentes caninhos muito longos, o leão marinho e outras especies.

As SERENIDES vivem no mar, o corpo termina por uma barbatana horizontal, tendo só membros anteriores. As mammas são collocadas no peito. Estes animaes é que têm dado logar a fabula das sereias; ou mulheres que possuem voz encantadora.

Os CETACEOS são animaes que pela sua configuração parecem peixes; não têm membros posteriores, e os anteriores são

barbatanas sem unha. Vivem sempre na agua, ali aleitam os filhos, e só vem á superficie para respirar. O corpo termina numa barbatana horizontal, ao contrario da dos peixes, que é vertical. O maior dos cetaceos é a baleia, havendo entre outros o gorphinho, a toninha, o unicornio, etc.

Os MARSUPIAES são os que têm uma bolsa por debaixo do ventre, onde estão as mammas. Seguros a ellas, os filhos acabam de se desenvolver. Neste numero acham-se as mucuras, os kangurús, as sarigas, etc.

Os ORNITHORINCOS são os animaes de *bico de pato*. Em logar de beiços carnudos, têm um bico como o pato.

São aquaticos, isto é, vivem na agua e têm os pés palmados.

OCTAVIO PIRES.

METHODOS DE ANALYSE

Nesta segunda parte do nosso modesto trabalho pretendemos discutir uns certos pontos de analyse syntactica, os quaes até hoje geram em nosso espirito profundas duvidas.

E' possivel que estejamos errados no nosso modo de comprehender a maneira pela qual a muito tempo se faz e se ensina a analyse logica; mas o que é incombativel é que o methodo antigo dessa analyse não está perfeitamente dentro dos moldes da logica e muito menos dentro das disciplinas de um methodo. Parece que ha uma pessima comprehensão ou um lamentavel descuido dos que nos ensinam, no tocante á verdadeira methodisação da analyse syntactica e, para robustecer o que aqui expendemos, basta citar factos a que todos os dias estamos assistindo. E' quasi geral entregar o professor ao alumno um livro qualquer e exigir delle uma analyse logica de um periodo.

A maneira por que é feita esta analyse é que constitue um dos pontos que nos abalançamos discutir. Vemos que o professor cathedratica e solennemente diz ao alumno *que tire a oração principal*. Ora, o periodo póde ter uma como muitas orações principaes, conforme as coordenadas que encerrar e, certamente, o aprendiz pelo processo do mestre considera subordinadas todas as outras orações que tiver o periodo.

Outro caso mais singular ainda consiste em que o professor manda ler um periodo pelo pobre alumno e gravemente lhe ordena *que tire a primeira oração*, acceitando e ensinando que essa é a oração principal, pelo facto de ser a primeira.

O resultado d'isto tudo é que o alumno fica sem uma precisa noção de analyse e muito menos de logica. Não podemos conformar-nos com este modo extranho de ministrar o ensino. E' muito conhecido e muito sabido o que diz o eminente philologo João Ribeiro no seu substancioso *Diccionario Grammatical*, estabelecendo as bases da analyse syntactica, as quaes mais ou menos assim dizem:

1.º—Dado o periodo, saber que proposição elle encerra.

2.º—Se fôr uma proposição simples, tirar-lhe os elementos e classifical-os.

3.º—Se o periodo encerrar uma proposição complexa, tirar-lhe a oração principal e as subordinadas, analysar os seus termos.

4.º—Dado o caso de uma proposição composta, ver quantas coordenadas contem, separal-as e fazer a respectiva analyse, observando se essas coordenadas são simples ou complexas.

De accordo com estas bases é que deve ser feita a analyse syntactica, a menos que não se queira insistir na balburdia e na falta absoluta de methodo, o que redunda em completa falta de logica, conservando o alumno na maior difficuldade diante do mais simples periodo.

Parece a muitos professores indecifravel, complicado, nebuloso o moderno processo da analyse; mas devemos affirmar que poucos embaraços offerece, uma vez que o mestre queira dar-se ao trabalho de interpretar bem os preceitos da grammatica.

Uma das grandes duvidas tambem que muito nos tem intrigado é o caso das pro-

posições simples que devem ser, na opinião de muitos, acompanhadas de orações subordinadas, principalmente as orações de participio e de infinito, porque, dizem elles, essas orações são meros adjunctos adverbiaes. Quanto a esta circumstancia, de accordo.

Mas, pedimos permissão para umas simples perguntas:

Estas orações de infinitos e de participios não se resolvem por clausulas adverbiaes e adjectivas?

As clausulas adjectivas não são tambem meros adjunctos attributivos?

Porque não se separam as orações participaes e infinitas da principal, quando as adjectivas ficam á parte?

Francamente não achamos isto racional e appellamos destas duvidas em que nos debatemos para os mais entendidos, para os mais competentes.

Cabe-nos agora tratar de mais outro facto que se nos depara no ensino da analyse logica.

Não podemos comprehender nem accei tar uma forma exquisita que por ahi corre sobre as proposições compostas.

Dizem mestres abalisados e conspicuos e tambem venerandos pechisbeques que ha compostas por coordenação e por subordinação.

Que haja proposições compostas por coordenação, em que as partes componentes são equivalentes e do mesmo valor syntactico, de accordo; mas, que haja proposições compostas por subordinação, em que as partes componentes são desiguaes, por que orações subordinadas não são equivalentes ás principaes, não comprehendemos, não satisfaz á nossa limitada logica e só conformar-nos-emos diante da palavra absoluta dos reputados mestres.

THEODORO RODRIGUES

Como a luz em uma masmorra faz visivel todo o seu horror, assim a sabedoria manifesta ao homem todos os defeitos e imperfeições da sua natureza.

Marquez de Maricá.

LITERATURA

Roma.—Lê-se no *diario* de um viajante: — «Roma dividia-se outr'ora em 14 bairros, denominados: *Porta Capena, Celi montium, Isis et Serapis, Templum pacis, Esquilina cum turre et colle Viminate, Alta semita, Vialata Forum Romanum, Circus Flaminius, Palatium, Circus maximus, Piscina publica, Aventinus* e *Trans-Tiberim.*

No seu vasto recinto encerrava ella 42.602 quarteirões; 2.117 palacios da mais incrivel magnificencia; 424 praças; 470 templos pagãos; 45 palacios consagrados á devassidão; 856 estabelecimentos de banhos; 1.352 lagos ou reservatorios de agua; 32 bosques sagrados; 2 grandes amphitheatros, um dos quaes comportava 87.000 espectadores assentados e 20.000 nas varandas; 2 enormes circos, o *Flaminio* e o *Maximo*, tendo este, segundo uns, 150:000 logares e segundo outros 483.000, onde se davam trabalhos navaes; 23 gigantescos cavallos de marmore; 80 de bronze; 84 de marfim; 36 arcos de triumpho de marmore, ornados das mais delicadas esculpturas; 14 aqueductos; 24 vias ou estradas, calçadas de largas lageas e orladas de soberbos mausoléos; 24 portas abertas nas muralhas que circundava, correspondendo ás 24 estradas.

Os seus innumeros edificios cobriam a planicie circular, hoje deserta num diametro de 10 leguas, que se estende de Otricoli, de Albano e Tivoli á Civita-Vecchia.

Aristides de Smyrna escreveu: — «Roma é a cidade das cidades, a cidade do mundo inteiro. Um dia não bastaria, que digo? todos os dias do anno seriam muitissimo poucos, para contar todas as cidades edificadas nesta cidade divina.

Ella desce até ao mar, onde se acha o mercado universal e a distribuição de todas as producções do globo; e tal é o seu tamanho, que o espectador, em qualquer logar que se colloque, póde sempre julgar-se no centro della.»

Dionisio, historiador como Aristides, escreveu a proposito da grandeza de Roma antiga: — «Além das muralhas da cidade todos os logares são habitados, de sorte que o espectador que quer conhecer a ex-

tensão de Roma, acha-se sempre induzido em erro, porque não ha um signal para se conhecer onde a cidade acaba. Isto provém de que os suburbios são tão unidos á cidade, que todos elles apresentam aos olhos a imagem de uma unica cidade, prolongada ao infinito.»

A sua população era avaliada em cinco milhões de habitantes. Hoje a população não excede a 280.000 habitantes e os seus monumentos são: as basilicas de S. João de Latrão, de S. Pedro, de S. Paulo, de Santa Maria Maior, de S. Lourenço, de Santa Cruz, de S. Sebastião, as igrejas constantinianas de S. Marcellino e S. Pedro, dos Santos Apostolos, de Santa Ignez, mais de 350 igrejas ordinarias; 16 palacios dentre os mais importantes; 2 museos; 3 bibliothecas, uma com 160.000 volumes, outra com 200.000 e outra com 210.000; 4 theatros; 6 hospitaes, sendo o maior o de Santo Espirico, com 1.600 leitos, 14 quarteirões, sendo 12 á margem esquerda do Tibre, e 2 á direita; 6 pontes unindo estas duas margens, sendo uma dellas interrompida pela ilha fluvial *Tiberina*; 2 portos, sendo um á margem esquerda do rio, na entrada de Roma, e outra á margem esquerda, na saida; e mais de 10 praças.

***

A basilica de S. João de Latrão foi outr'ora um riquissimo palacio de uma familia romana denominada *Lateranus*, o qual foi doado pelo imperador Constantino ao papa S. Sylvestre, com o fim exclusivo de ser apropriado a uma igreja.

Esta apropriação foi concluida e o templo consagrado no anno 324 da nossa era. Nessa época, a basilica S. João de Latrão como foi baptisada, era talvez a mais rica e sumptuosa; o proprio Constantino fez-lhe grandes presentes, contando-se entre outros: uma estatua de Jesus Christo assentado, de cinco pés de altura, toda de prata, pesando 120 libras; os 12 apostolos, de tamanho natural, tambem de prata, com corôas de prata pura, pesando cada um 90 libras ou 1.080 libras todos elles; 4 anjos de prata, tamanho natural, tendo cada um na mão uma cruz, pesando cada um 5 libras ou 20 todos elles; um pedestal continuo, onde assentam todas estas estatuas, de prata lavrada, pesando 2.025 libras; uma lampada de ouro puro, suspensa da abobada, pesando com as correntes 25 libras; 7 altares de prata de 200 libras cada um ou 1.400 todos elles; 7 charamelas de ouro, pesando cada uma 10 libras ou 70 todas ellas; mais uma outra charamela de ouro, toda cravejada de pedras preciosas, pesando 20 libras e tres onças; dois calices de puro ouro, pesando cada um 50 libras ou 100 os dois; 20 calices de prata, pesando cada um 10 libras ou 200 todos elles; um candelabro de ouro puro, ornado de 80 delphins, pesando 30 libras; um candelabro de prata com 120 delphins, pesando 50 libras; 40 candelabros de prata, do peso de 20 libras cada um ou 1.200 libras todos elles; mais 80 candelabros de prata, do peso de 20 libras cada um ou 1.600 libras todos elles; 2 cassoletas de ouro fino, pesando 30 libras cada uma, ou 60 as duas.

No baptisterio, mandado construir por Constantino, afim de receber nelle o baptismo, contava-se mais: 1 bacia oval de bazalto, guarnecida por dentro e por fóra de laminas de prata, do peso total de 3.800 libras; lampadas de ouro, do peso total de 52 libras; um cordeiro de prata, do peso de 30 libras; 1 estatua de prata de Jesus Christo, tamanho natural, pesando 170 libras; uma dita de S. João Baptista, de 5 pés de altura, pesando 100 libras; 7 veados de prata, pesando cada um 80 libras ou 420 todos elles e um turibulo do ouro fino, ornado de 40 pedras preciosas, pesando 10 libras.

Peso total de todas as obras em ouro: 470 libras e 3 onças;—peso total de todas as peças em prata: 12.315 libras.

De toda esta riqueza, nada mais hoje existe, foi tomada pelos barbaros, por occasião da invasão de Alarico e Totila.

A felicidade dos entes racionaes augmenta com o progresso de sua intelligencia; os de maior intellecto são os que gozão mais da sua existencia e do mundo em que residem.

Marquez de Maricá.

THESE

Apresentada á Congregação da Escola Normal para concurso da cadeira de literatura e lingua nacional por

LUIZ BARREIROS

BACHAREL EM SCIENCIAS JURIDICAS E SOCIAES

A LITERATURA

I—Principios geraes.

II—Seus aspectos.

III—Literatura nacional,

III

Em nossos dias basta que citemos os nomes de Ouro Preto, Lauro Sodré, Joaquim Nabuco, Rio Branco e Nilo Peçanha como estadistas; Ruy Barbosa, Andrade Figueira e Lafayette como jurisconsultos; Quintino Bocayuva, Edmundo Bittencourt e Leão Velloso Filho como jornalistas; Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Luiz Delphino e Alberto de Oliveira como poetas; Machado de Assis, Aluizio de Azevedo, Graça Aranha e Euclydes Cunha como romancistas; Teixeira Mendes e Pereira Reis como scientistas; Sylvio Roméro, Clovis Bevilacqua e Gumercindo Bessa como philosophos; Eunapio Deiró, Araripe Junior e José Verissimo como criticos; Santos Dumont, Urbano de Faria e Torquato Lamarão como inventores; Arthur Azevedo, Vicente Reis e Euclydes Cunha como escriptores theatraes; Ernesto Carneiro, João Ribeiro, Heraclito Graça e Mario Barreto como philologos; Abdon Milanez, Araujo Vianna e Alberto Napoleão como compositores e musicistas; Parreiras na pintura, Bernardelli e Julieta França na esculptura, para darmos em traços geraes o relevo da grande tela da nossa literatura actual.

A influencia que esses factores de per si vão simultaneamente exercendo nos varios dominios do pensamento já hoje marca o avanço saliente que se vae imprimindo á directriz do nosso aperfeiçoamento.

Surgem em pontos differentes, perlustram caminhos diversos, mas seguem rumo de uma direcção commum.

E quando tudo, por uma tendencia evolutiva, segue o seu curso obedecendo a esse surto, não póde nem deve permanecer desviada ou estacionaria a systematisação do estudo da literatura.

E a prova de que a literatura tem a vasta accepção que ora, em rapido bosquejo, lhe vimos traçando, está na expressão commumente usada, tanto na linguagem erudita como na vulgar, de *literatura juridica*, *literatura scientifica*, *literatura politica*, etc.

Que significa isto?

E' que se aceita e reconhece, embora talvez inconscientemente, que ella se encontra distribuida pelos varios ramos e ramificações dos productos da intelligencia.

D'ahi á sua consagração definitiva distam poucos passos...

Que,—não por nós, mas pela mocidade estudiosa de nossa patria—, esta nossa aspiração logre o necessario acolhimento dos competentes e seja em breve tempo uma realidade, sentir-nos-emos assaz satisfeito.

Do nosso sentimento civico é esse o unico escôpo que fez presidir á escolha do presente assumpto para objecto da pallida dissertação que temos a honra de apresentar.

Quando d'ahi nada se aproveite, fiquem, ao menos, a bôa intenção e a melhor vontade.

...il est permis, même au plus faible, d'avoir une bonne intention et de la dire... (1)

PROPOSIÇÕES

LITERATURA NACIONAL

I—A literatura nacional nada tem de commum com a literatura portugueza.

II—Já temos esboçada uma literatura nossa.

III—A nossa literatura não consiste somente na descripção da vida e episodios dos aborigenes.

LINGUA NACIONAL

I—A indole da nossa lingua não aceita outro principio regulador de sua orthogra-

---

(1) VICTOR HUGO.—*Legende des siecles.*

phia senão o da lei do menor esforço.

II—Futuramente a lingua que actualmente falamos no Brasil ha de ser differente da de Portugal,

III—O pronome *eu* não tem plural: o pronome *nós* como plural de *eu* é uma incorrecção grammatical.

These de concurso á cadeira de Geographia Geral e Chorographia do Brasil do Gymnasio Amazonense, pelo candidato Agnello Bittencourt.

(CONTINUAÇÃO)

A sua substituição foi autorizada pelo acto que nomeou o quinto governador Manoel Joaquim do Paço, em 1818. Infeliz, sem energia, oppõe-se ao juramento da Constituição Portugueza; é immediatamente deposto, assumindo o governo uma junta administrativa. Data de Joaquim do Paço o primeiro movimento em pról da nossa autonomia politica. De Silves e da Villa Nova da Rainha apparece uma petição solicitando ao Rei a independencia do Rio Negro. Foi este o signal de alarme, que por muitos annos sobresaltou a Capitania.

O paiz todo sentia-se sob a pressão dos acontecimentos politicos, precursores da emancipação nacional. O logar da Barra estremecia ao choque das noticias que da Côrte chegavam. Era o Rio Negro governado por uma junta composta dos Srs. José de Britto Inglez, presidente; Domingos Nunes Ramos Ferreira, ouvidor; e Antonio José da Silva Cavalcante, vigario; esta convida ás demais autoridades e o povo a reunirem-se em 1 de Março de 1821, no paço da Camara, e lhes faz uma proclamação pedindo o seu apoio a D. João VI e «a sua Real Casa.»

Entra o anno de 1822; o Brasil constitue-se nação livre, ou melhor, compra a sua carta de alforria por dois milhões de libras esterlinas.

No Amazonas, porém, continúa a escravidão politica; o predominio do captiveiro moral persiste, visto que a Capitania de S. José do Rio Negro não fôra contemplada no artigo primeiro da Constituição então elaborada, a qual dizia ser o paiz constituido dos territorios descriptos no quadro annexo. Examinado este, o Amazonas não havia sido incluido na lista das provincias brasileiras. No emtanto, as outras capitanias lá estavam. Foi, pois a organisação politica do Imperio que o prejudicou.

O brado do Ypiranga promettia-nos fagueiras esperanças, que se converteram logo em triste realidade. Facil é avaliar-se o estado d'alma amazonense ao receber a noticia de que fôra a Capitania rebaixada, constituindo apenas uma comarca subordinada ao Pará! Datam d'ahi as explosões d'animo.

Em 12 de Abril de 1832 rompe, no quartel da Villa da Barra, uma revolta; os soldados arrombam as prisões, soltam os presos e assassinam o commandante João Phelippe dos Reis. O povo adhere ao movimento e as autoridades que não o acompanharam, ficam privadas de seus cargos. A comarca passou a ser governada pelos commandantes militares. O coronel Domingos Simões da Cunha dirigia os seus destinos quando rebenta outra rebellião em 22 de Junho desse anno. A Villa da Barra era o theatro destas scenas que foram o exordio da chamada *revolta dos cabanos*.

O Governador do Pará, José Joaquim Machado de Oliveira, é avisado das occorrencias e envia para suffocar essa revolta um emissario, recommendando-lhe em officio de 26 de Julho «apresentar-se com toda a expedição nas immediações do Logar da Barra do Rio Negro, em ponto seguro de surpresa e fóra do alcance do fogo de terra, dirigindo logo ás autoridades os officios que vão juntos. (1) De facto, os cabanos estavam preparados para a defeza; chega o enviado e repõe as autoridades destituidas.

Em 4 de Setembro de 1832 José Joaquim Machado de Oliveira faz publicar uma proclamação do povo paraense, avisando-o

(1) Das *Ephemerides Amazonenses* (inedicto) pelo coronel Francisco F. de Lima Bacury.

de que a comarca do Rio Negro estava pacificada. No anno seguinte é organizada judiciariamente a Provincia do Pará, em tres comarcas, sendo uma dellas a do Alto Amazonas. Mas, esta divisão não vinha em nada modificar as intenções de independencia, as quaes na Villa da Barra permaneciam inabalaveis.

Quantas autoridades aqui aportavam; faziam causa commum com o povo e a propria Camara o apoiava.

Em 15 de Julho Frei José dos Santos Innocentes acceita procuração para solicitar da Côrte a separação politica, elevando a extincta Capitania á Provincia, já proclamada pelo povo, independente. Quer pelo Pará, quer pelo Matto Grosso (Rio Madeira) é embargada a viagem do Frei Santos Innocentes. Os papeis de que se fizera portador são enviados ao Rio de Janeiro e chegam ás mãos do ministro Aureliano de Souza Oliveira Coutinho que «estranha severamente» a conducta do apostolo de Christo, dizendo-lhe «não poder approvar um acto de rebellião, um attentado tal, desligando-se da capital e constituindo Provincia separada...»

O tenente-coronel Domingos Simões da Cunha Bahiana recebe ordem para apaziguar o Alto Amazonas; trazia duas embarcações, uma das quaes se denominava «Independencia». Os habitantes da Barra tem sciencia desta expedição bellicosa; fortificam as «Lages», á espera da *esquadra* que os vinha bater; e o fizeram, recebendo-a á bala, pelo que um dos *vasos* de guerra deu ás costas nesse local, para não submergir no encontro das correntes do Solimões e Rio Negro. O outro chega á séde da Comarca, onde a paz já se havia restabelecido.

E' curioso um officio do commandante do barco damnificado, solicitando do Governo do Pará, permissão para gastar quatro mil reis com a reparação do mesmo.

Em 1834 assume a administração o major Manoel Machado da Silva Santiago.

O facho da revolta estava acceso em Belem; Angelin e Vinague não podiam voltar as suas vistas para a comarca, que cada vez mais perigava diante as investidas dos cabanos,

Em 6 de Março de 1836 chega do Baixo Amazonas Francisco Bernardo de Senna, invade o logar da Barra, destitue os *legalistas*, até que em 31 de Agosto reune a Camara para apoiar a D. Pedro II. Gregorio Naziazeno da Costa é quem consegue expulsar os rebeldes.

Houve uma intermittencia durante o anno de 1837; era natural que os cabanos descançassem, retemperando a sua energia e patriotismo, para em seguida, continuarem esses tragicos emprehendimentos que vieram regar a terra dos *barés* com o sangue dos seus irmãos.

Em Luzéa (Maués) os portuguezes são batidos e perseguidos; o mesmo acontece em Autaz. Dirigia, então, a comarca, o commandante militar, Ambrosio Pedro Ayres (o Bararuá), que dá as providencias para tranquilisar as autoridades de Luzéa, enviando, para esse fim, a escuna «Porto Alegre», commandada por Sebastião Roque da Cunha. Este vendo a furia e tenaz resolução dos sediciosos, aconselha a Pedro Ayres: «—não ha mais que ter paciencia e deixar os cabanos a sua vontade, porque esta villa de outra parte não os deve esperar—». Pensava-se que a luta estivesse terminada com as extorsões e atrocidades praticadas pelo destemido Bararuá; engano. Para acalmar os *povos*, José Coelho de Miranda Leão, expedicionario do Amazonas e commandante militar de Luzéa, convida a todos para voltarem aos seus lares abandonados. Os soldados obteriam perdão se viessem reassumir os seus postos.

Tendo cessado em Belém a revolta que ensanguentou as suas ruas, o governo toma definitiva resolução de pacificar o Alto Amazonas. Encarregado desta missão vem José Parahybuna que, ao chegar em Parintins, encontra o Frei dos Santos Innocentes celebrando o santo officio da missa. Agarra-o e com as vestes talares, mette-o no porão do barco, sem o menor respeito ao culto divino e assim vem até á Barra. Era a represalia movida como vingança, visto que aquelle sacerdote servira anteriormente de procurador da Camara e do povo amazonense, quando se tratava de sua emancipação. O commandante militar, surprehendido com este attentado, requisita a presença de Santos Innocentes, ao que responde Parahybuna contrariamente, dizendo vir suffocar uma revolta e ser esse frade um dos revoltosos.

Ao Pará é chamado Ambrosio Ayres afim de responder pelos actos despoticos que praticou, o que não cumpriu porque a morte o arrebatou em uma sortida que contra os cabanos teve em Autaz.

O Alto Amazonas só precisava de um remedio para a sua completa pacificação: era o reconhecimento de sua autonomia. Os homens de então bem o sabiam. E a prova disto foi a *indicação* do deputado á Assembléa Legislativa do Pará, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha: «Indico que se dirija á Assembléa Geral uma representação para que a comarca do Alto Amazonas seja elevada á cathegoria de provincia. Pará — 7 — 11 — 1844.» (1)

Estava meio amparada officialmente a causa do povo amazonense. Mais um passo, e teriamos a realisação do nosso ideal. E assim foi: é creada a Provincia do Amazonas pela lei n. 528 de 5 de Setembro de 1850. Muito demorou a concessão do merecido e justissimo beneficio. E o fim livemol-o. A liberdade torna-se inevitavel aos povos que são influenciados pelas vantagens da civilisação.

«Como as aves, aconchegadas ao ninho sob as pennas da mãe, esvoaçam para a liberdade, logo que as azas começam a agitar-se, assim os filhos de uma nação querem tambem a liberdade, desde que sentem em si borbulhar os alentos de uma individualidade nova. A independencia dos filhos nunca foi hostilidade para os paes, senão quando estes insensatamente pretendem prolongar uma dependencia anachronica. (2)

***

Tenreiro Aranha, dedicado ao progresso da Provincia, foi aproveitado para inaugural-a e preparar-lhe a organisação administrativa. Transportando-se a Manáos, no vapor *Gupiassú*, tomou posse do cargo em 1 de Janeiro de 1852, entrando assim o Amazonas em nova phase politica. Comprehende-se o estado anarchico em que achou a administração, depois de tantas lutas, ao cabo de um periodo de indecisões e vexames partidarios. Urgia que a trajectoria do Governo Provincial fosse asseguradora da estabilidade administrativa. Neste louvavel tentamen trabalhou o primeiro presidente, até que foi substituido para tomar logar na representação politica do Pará.

Para substituil-o vem o conselheiro Herculano Ferreira Penna, que prosegue para dar segura organisação ao Amazonas. Creação de escolas, protecção a criadores e agricultores, isempção de impostos a industrias nascentes, foram medidas que, por muito tempo, se associaram á obra da iniciativa particular, movida pela esperança e estimulo de novas conquistas.

João Pedro Dias Vieira e Angelo Thomaz do Amaral seguem-lhe no mesmo proposito, na qualidade de seus successores.

Comarcas, villas e freguezias já haviam sido creadas pela Assembléa Provincial, que sem embargo de qualquer motivo, auxiliava a presidencia a bem dirigir os publicos negocios.

Em 1857, depois de prestar o juramento do estylo, assume a administração o Dr. Francisco José Furtado. Serpa e Borba são elevados a villas e creado o Instituto de Artes e Officios, que, má sorte, posteriormente veio extinguir-se.

O Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha, tomando a direcção da Provincia, recebe, em 1861, o saudoso poeta Gonçalves Dias, que é nomeado para visitar as escolas do Amazonas, Negro e Madeira. A' sua administração foi apresentado um excellente relatorio pelo Dr. João Manoel da Silva Coutinho, expondo-lhe detalhadamente o estado em que se achavam Itacoatiara, Silves e Borba, acompanhado de um estudo do Rio Madeira, o melhor trabalho que, sobre o assumpto, conhecemos, apezar de escripto em 1862. O rio Purús tambem, que fôra explorado *á vol d'oiseau*, por Serafim Salgado e por ordem de Tenreiro Aranha, recebe a visita do destemido mulato Manoel Urbano, o fiel companheiro de Chandless. Chega a Manáos a commissão de demarcação de limites entre o Brasil e o Perú, do qual era chefe o capitão-tenente Costa Azevedo (posteriormente Barão de Ladario), em 1863, cujos trabalhos não chegaram a ser encetados, por motivo de molestia na pessoa do representante peruano.

Em sua administração, começa, em

(1) Transcripto por especial obsequio e consentimento do autor das *Ephemerides Amazonenses*. — Bacury, Obr, cit.

(2) Oliveira Martins. Obr. cit pag. 45.

1865, a guerra de Paraguay, para a qual o Amazonas muito concorreu, perdendo tantos dos seus queridos filhos, na desafronta dos brios da Patria ultrajada.

Na capital da Provincia foi instituido um *Corpo de Voluntarios*, que faziam aqui o serviço do Exercito, em virtude do decreto n. 3371 de 7 de janeiro desse anno. Albuquerque Lacerda, já ao terminar a sua incumbencia, recebe a visita do sabio professor Agassiz, que, em viagem scientifica, veio explorar o valle amazonense. Successivamente assumem o governo os Drs. Epaminondas de Mello, Jacintho Pereira do Rego e João Wilkens de Mattos.

Bastante progresso já se notava nesse periodo de 18 annos, decorrido de 1852 a 1870. Ao commercio de todas as nações o grande rio fôra aberto; a navegação tomára então um incremento com as relações directas da Europa.

Installa-se a Alfandega de Manáos, em 27 de Março de 1869 e cream-se duas associações, valiosas pelos seus fins patrioticos e utilitarios: o «Atheneu das Artes», para dar instrucção gratuita ao povo, e a «Emancipadora Amazonense» (6 de Março de 1870), com o fim de extinguir a escravatura na Provincia, que poude soltar, em segundo logar, no Brazil, o brado da Liberdade em favor dos miseros escravos. E tanto resultado obteve que, em 14 de Junho de 1884, declarou o municipio da capital sem um só escravo.

Na historia deste periodo (1877) está registrado um facto que enluctou a população manauense: o naufragio do vapor «Purús», que do Paraguay, trazia os bravos do Amazonas, que haviam escapado ás crueldades e perigos da guerra. Quando a cidade se cobria de galas para recebel-os, tão cheios de gloria, é surprehendida com a noticia de que, abaixo do Puraquequára, aquelle navio abalroou com outro que descia, sossobrando rapidamente e perdendo-se mais de 150 vidas. Fatal destino! (*)

Vêm em seguida occupar a curul governamental os srs. general José de Miranda da Silva Reis, Drs. Domingos Monteiro Peixoto, Agesilão Pereira da Silva, o Barão de Maracajú e o Dr. Satyro de Oliveira Dias, em cujas administrações a Provincia não mais cessou de desenvolverse.

Annualmente crescia a receita, sempre ultrapaçando a orçada, podendo iniciar o governo a serie de transformações porque tem passado a capital. Aterros, construcções de escolas e edificios publicos, pontes, etc., são as manifestações materiaes dessa evolução. Inaugura-se o Hospital da Santa Casa de Misericordia, mandado construir pelo governo, á custa da contribuição popular.

O dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, assume a administração em 17 de Março de 1882, solemnemente inaugura o Mercado Publico e promove outros serviços, que vieram caracterisar a sua excellente direcção administrativa.

E' contractada uma linha de navegação, subsidiada pelo erario provincial, entre Manáos e New-York, estreitando mais as relações commerciaes que mantinhamos com o estrangeiro.

A Provincia continuou a ser governada por distinctos cidadãos, nomeados por decreto de D. Pedro II. Nesse regimen o Amazonas progrediu muito, impulsionado ora pela bôa orientação dos seus governos, ora pela iniciativa dos homens politicos, que aqui e na Camara dos Deputados, sempre trabalharam para o tornar importante.

De surpreza, chega no dia 27 de Novembro de 1889, a nova da proclamação da Republica no Brazil, estando á frente dos publicos negocios o Dr. Manoel Francisco Machado. Existia já em Manáos o *Club Republicano* de que era chefe o Dr. Domingos Theophilo de Carvalho Leal.

Adherindo á inesperada forma de governo, aceita com enthusiasmo pelo povo, que percorre a cidade, dando *vivas* á Republica, é acclamada uma Junta governativa composta dos srs. Dr. Carvalho Leal, tenente coronel Antonio Florencio Pereira do Lago e capitão de fragata Manoel Lopes da Cruz, que dirigiram-se ao palacio do governo e depozeram ao Dr. Francisco Machado.

Profunda transformação politica modificou, sem alterar a ordem publica, a directriz dada á administração.

(Continua)

46
45
230
184
2:07 08

Hymno Escolar do Collegio 5 de Setembro

Letra do nosso confrade Theodoro Rodrigues e musica do Sr. Hugo Pagani

Nós que estamos á sombra bemdita
D'este pallio de luz—a instrucção,
Venceremos na luta infinita
Do progresso contra a escuridão.

CORO

Crianças debeis agora
N'esta quadra tão louçã,
Somos a fulgida aurora
Da familia d'amanhã.

Saberemos vencer; para tanto
Nossas armas são grandes demais:
Contra o erro o combate é tão santo
E as victorias do livro immortaes!

CORO

Crianças debeis agora
N'esta quadra tão louçã,
Somos a fulgida aurora
Da familia d'amanhã.

Não ha nevoa que se torne eterna,
Nem muralha que não se destrúa;
Nas conquistas da vida moderna
Ninguem vive que nunca se instrua.

CORO

Crianças debeis agora
N'esta quadra tão louçã,
Somos a fulgida aurora
Da familia d'amanhã.

Estudemos! pois só pelo estudo
Conquistamos riqueza e saber,
Estudemos! A luz vence tudo!
Nós queremos lutar e vencer.

CORO

Crianças debeis agora
N'esta quadra tão louçã,
Somos a fulgida aurora
Da familia d'amanhã.

Combatamos os erros e o crime,
Contra as trevas o sol da razão.
Seja nossa divisa sublime:
Honra, estudo, talento, instrucção.

CORO

Crianças debeis agora
N'esta quadra tão louçã,
Somos a fulgida aurora
Da familia d'amanhã.

SONETTO

La mia passione é un sogno evanescente,
un ideal grazioso come un fior,
una donnina eterea, seducente
che se vi guarda vi trafigge il cor!

Non ho piú pace un'ora e ne la mente
in ridda i miei pensier danzano ognor;
se chindo gli occhi sembrami presente;
se non la vedo muoio di dolor!

E i piú bei sogni che pensare é dato
mi fingo di continuo sospirando;
m'immagino á suoi piedi inginrocchiato

il lembo de la veste sua baciando,....
ma poi rabbrividisco all'improvviso
pensando ch'ella, ancor, non m'ha sorriso!

18—2—06.

G. Irignani.

PREMIOS ESCOLARES

Um dos meios de estimulo e emulação mais em voga em todos os paizes cultos— são os premios.

Só em materia de ensino encontram elles alguns opposicionistas, e em que pese á logica e argumentação cerrada dos seus adversarios, vão fazendo caminho e sendo preconisados.

Nos estabelecimentos de ensino, nos congressos pedagogicos, scientificos e litterarios, como em todas as associações, são elles conferidos continuadamente, como attestado de maior exforço ou competencia.

Os que os combatem no ensino querem estabelecer uma excepção á regra geral, sem rasão de ser e motivo serio que a justifique.

«Premio», diz Aulete, para não citar mais lexicographo, «é a distincção conferida a quem della se tornou digno.»

Assim, não vemos motivo para se deixar de conferir essas distincções aos nossos futuros mestres e aos alumnos das nossas escolas primarias, desde que revelem applicação, comportamento e aproveitamento maiores.

"O premio não aproveita somente ao laureado, mas tambem aos companheiros destes, porque elle não se dirige somente ao successo, mas serve tambem para consolar o exforço infeliz, alentar a applicação infructifera, animar a assiduidade e o bom comportamento, e honrar finalmente não só as qualidades do coração como as do espirito".

«Bem sabemos que é melhor aos que ensinam e aos que aprendem, quando cumprem os seus deveres, procurarem a recompensa em si mesmos, na satisfação intima que dá o cumprimento do dever; mas sabemos tambem que estimular e despertar a emulação pela esperança de uma distincção honorifica é bom, visto que os homens e, por maioria de rasão, as creanças, são de tal modo organisadas, que não basta para determinal-os a pura idéa do dever». (*Dicc. de Educação*).

Por isso preciso se torna que agentes externos attuem sobre elles, dando-lhes vontades novas e interesses superiores.

Todas as medidas nesse sentido serão proficuas, e a creação de mais um premio de honra na Escola Normal deste Estado, bem util resultado pode dar.

Induzidos por esse criterio, e a exemplo do que se tem feito em outros Estados, lembramos essa creação, que não só servirá de estimulo aos nossos futuros mestres, como tambem de lembrança daquelle que tão bons serviços tem prestado e está prestando á educação do povo, como governo do Estado.

Como orgão do ensino publico, a *Revista Amazonense* sente-se bem sempre que se lhe offerece occasião de, em observancia ao seu programma, exercer a sua actividade e empregar o seu exforço no beneficio das coisas do ensino.

Não hesita e não hesitará em envidar exforços para fazer desapparecerem as lacunas da nossa instrucção e satisfazer suas necessidades.

Agindo assim é que ella cumprirá o seu dever, e mostrará a razão de ser de sua existencia.

Por isso toma a si a creação do referido premio, e de accordo com o sr. dr. Director Geral da Instrucção Publica, e mais alguns cidadãos de respeitabilidade e competencia, brevemente fará collocar em logares previamente annunciados, listas rubricadas pelo referido Director da Instrucção Publica, para receberem as assignaturas das pessôas que nos quizerem auxiliar na realisação do nosso intento.

O producto das assignaturas serão entregues ao sr. dr. Director Geral da Instrucção Publica, que o recolherá a um estabelecimento de credito, donde será retirado os juros, annualmente, para o fim, acima referido.

O. P.

Livros e Revistas

PATRIA BRASILEIRA é o titulo que o Sr. Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira deu ao seu segundo trabalho didactico.

E' um volume de 390 paginas, destinado, como o LEITURA CIVICA, do mesmo

autor, ao ensino civico das creanças do nosso paiz.

Achamol-o inferior ao primeiro, não só no todo, como em cada uma de suas partes.

O Leitura Civica, é realmente uma obra escripta com alma e coração, e com um unico objectivo, como já dissemos na apreciação que sobre a mesma fizemos, — o de servir o autor á instrucção dos seus patricios e á nossa querida Republica.

O Patria Brasileira, ao contrario, afastou-se dos bons moldes, para ajustar-se aos sediços e rotineiros.

Pecca por isso, e tambem porque não abrange a materia toda que deve constituir o ensino civico. O livro questionado quasi que só se occupa da geographia do nosso Brasil.

Além disso, não tem o merito da fidelidade nas narrações e nem a imparcialidade na apreciação dos factos e nos louvores aos homens.

E' assim que tratando dos acontecimentos recentes, como sejam a questão do Acre e a do Amapá, distancia-se o intelligente moço, em sua obra, da verdade, e occulta factos e cala nomes que, por amor á historia do nosso paiz, não podem ser olvidados.

Lendo-se o Patria Brasileira, na parte em que se refere á questão do Acre, chega-se á conclusão de que só Placido de Castro e Rio Branco foram os unicos factores desse movimento, e que só esses dois brasileiros, o primeiro no campo da luta e o segundo no gabinete, agiram em defeza da integridade da nossa Patria, ameaçada pelo estrangeiro audaz.

O governo e o Estado do Amazonas, que concorreram com os maiores elementos, que fomentaram mesmo, póde-se dizer, esse movimento de reacção contra os bolivianos; os muitos brasileiros que entraram na luta com braços e haveres, para desafronta dos brios da nossa Patria e defeza das vidas e bens dos nossos patricios, nem uma ligeira referencia mereceram do Sr. Virgilio Cardoso, em sua obra.

Porque occultou esses factos e esses nomes?

Nada o justifica dessa falta. Além disso, quando trata da questão do Amapá, é de uma infidelidade e injustiça lamentaveis.

Narra os acontecimentos e cita nomes, não com aquelle espirito de imparcialidade com que escreveu o Leitura Civica, porém com intenções occultas e desejo de nem de leve tocar no que pudesse desagradar ao intendente de Belem, que, por conta do municipio daquella capital, mandou imprimir o livro, e tambem mandou o autor a Europa assistir a impressão da sua obra.

D'ahi os defeitos e imperfeições do livro citado. Concordamos que o digno escriptor seja grato ao referido intendente pelos beneficios que lhe tem feito; mas a gratidão não obriga a ninguem ser injusto e nem a occultar a verdade.

S. s. sabe, que todos no Pará, e até mesmo no paiz, não ignoram que foi o Sr. Dr. Lauro Sodré, o primero, como governo desse Estado, e convencido de que o territorio contestado nos pertencia, como pertence, e reconheceu o laudo de Berne, a agitar a questão do Amapá, já mandando commissarios estudar o territorio, já nomeando autoridades, creando escolas, subvencionando vapores, para a navegação de Cuanany e Amapá, auxiliando assim os nossos patricios que tinham povoado e residiam na zona em litigio.

S. s. sabe, como o Brasil inteiro, que foi o intemerato Veiga Cabral, de saudosa memoria, que á frente de alguns patriotas, fez respeitar, pelas tropas francezas, o nosso pavilhão asteado no Amapá, e, embora com sacrificio de vidas preciosas, accelerou a terminação do nosso litigio com a França e expulsou os francezes do contestado.

Pois bem, apezar desses factos serem de hontem, e estarem vivos na memoria do publico, não mereceram uma allusão siquer por parte do Sr. Dr. Virgilio Cardoso, assim como, muito de industria, calou os nomes dos cidadãos, que sacrificaram até a propria vida, nessa luta, e mais trabalharam em defeza dos nossos direitos.

Só o Sr. Dr. Paes de Carvalho, porque é amigo do intendente de Belem, mereceu referencias, pelos poucos serviços que prestou na questão, e retrato, ao lado do Sr. Augusto Montenegro, o unico deputado federal da Amazonia, que reconheceu no congresso o *direito* da França sobre o territorio em questão e votou para que a ella

se entregasse esse pedaço da nossa Patria!!

Estamos certos de que por esse rasgo de *patriotismo* do actual governador do Pará, é que elle mereceu ter o retrato no livro citado e mandou dar o seu nome, por *modestia*, a um dos municipios do Amapá, que elle reconhecia pertencer á França!!

E é assim que se escreve a historia do nosso paiz; é por livros como esse, que se ensina a nossa infancia, aos que nos hão de succeder amanhã!

Como tudo isso é triste, como tudo isso é lamentavel! E mais triste e mais lamentavel é ver-se moços, como o Sr. Dr. Virgilio Cardoso, que tem amor á instrucção dos seus patricios, talento, e que se dedica de coração á causa do ensino, ter-se deixado influenciar pelo meio em que vive.

Laborando em outra parte, que não fosse o Pará, nossa desventurada terra, onde tudo é politicagem, odio e sangue; onde não é permittido ao homem ser imparcial e justo, e donde a verdade, a justiça, o direito, a liberdade e a lei têm desapparecido, o Sr. Dr. Virgilio Cardoso prestaria á sua Patria bons serviços, e pelos seus trabalhos, uma vez bem acabados, como o primeiro, seria um benemerito da instrucção, com direito á gratidão eterna dos seus patricios.

Mas no Pará, não. S. s. ha de ir pouco a pouco aunullando-se e sacrificando inutilmente suas forças e aptidões.

Não gostamos do PATRIA BRASILEIRA, e pelos defeitos que tem, não o recommendamos á infancia do nosso paiz.

OCTAVIO PIRES

A CULTURA ACADEMICA é o nome de uma brilhante Revista publicada em Pernambuco e da qual é representante nesta capital o Sr. Dr. Drummond da Costa, digno advogado do nosso *forum*.

Publicação sobre sciencias e artes, nitidamente impressa e superiormente escripta, é a referida Revista uma das mais importantes do nosso paiz.

Sob a direcção de J. C. da Frota e Vasconcellos e contando com a collaboração das fulgurantes pennas de Clovis Bevilaqua, Durval de Britto, Carneiro Villela, Phaleante da Camara e outros, não póde deixar de ser o que é—um repositorio de conhecimentos uteis, onde ha muito o que aprender-se e com que illustrar-se o espirito, especialmente tratando-se da sciencia do direito, que constitue a parte principal da notavel publicação.

Ao Sr. Dr. Drummond da Costa, os nossos agradecimentos pelos fasciculos de Novembro e Dezembro do anno findo, que nos enviou.

Pelo Exm. Sr. Coronel Domingos Andrade, foram-nos offerecidos dois numeros da esplendida Revista *Kósmos*, que se publica no Rio de Janeiro. Na referida publicação não sabemos o que mais apreciar,—si a nitidez das gravuras, ou si a proficiencia do texto, cuja leitura é devido á laureada penna de José Verissimo e outros competentes literatos e scientistas.

Ao digno amigo Exm. Sr. Coronel Andrade, gratos pela offerta.

NOTICIARIO

No dia 17 do mez proximo findo falleceu nesta capital o Sr. Roberr Junquá, um dos mais esforçados e intelligentes preceptores da mocidade.

Moço, forte, e quando o futuro o acenava promissor e cheio de atractivos, no meio dos labores do ensino, uma terrivel febre typhica o prostou inanimado, deixando os seus velhos paes e numerosos amigos, que os tinha, e muito o queriam pela amenidade de seu trato, delicadesa de maneiras e invejavel cultura intellectual, cheios de dor e de saudades, e a mocidade que lhe estava confiada, sem o seu mestre querido e estimado,

De nacionalidade franceza, mas tendo adoptado a nossa patria como sua, exerceu, por alguns annos, o magisterio particular no visinho Estado, onde, como neste, deixou arraigadas sympathias.

Transferindo sua residencia para esta

capital, em companhia de seus inconsolaveis paes, foram os seus serviços aproveitados na nossa Escola Normal, onde exercia o cargo de lente de francez, com assiduidade e competencia.

O seu enterro foi bastante concorrido, e muito sentido o seu fallecimento e com este abrindo-se um vacuo no nosso professorado, difficil de se prehencher.

A *Revista Amazonense* registra com pesar esse triste acontecimento e sobre a campa do extincto desfolha goivos e saudades.

Pezames aos seus progenitores.

JUIZO DA IMPRENSA

Do sr. dr. Virgilio Cardoso d'Oliveira, illustre director do Ensino Municipal do Pará, recebeu o nosso director o seguinte cartão:

«Ao illustre sr. professor Octavio Pires, d. d. Director da *Revista Amazonense*, Virgilio Cardoso cumprimenta e agradece a gentileza da remessa do 1.º numero da interessante e proveitosa *Revista Amazonense*, por cuja longa exisiencia faz votos.»

Ao distincto educacionista e notavel escriptor, nossa gratidão pelas amaveis expressões e fineza.

«Recebemos o segundo numero da «Revista Amazonense» publicação dirigida pelo professor Octavio Pires.

A impressão que nos deixou a rapida leitura que fizemos d'este numero da «Revista», foi a melhor possivel, fi ando nós convencidos de que dentro em breve o louvavel commettimento do professor Octavio Pires corresponderá ás suas erperanças, collocando-se ao mesmo nivel das melhores «Revistas» congeneres.

Somos gratos á gentileza da offerta.»

(*Correio do Norte*, de 18 de fevereiro).

«Recebemos o 2.º numero da *Revista Amazonense*, publicação official sobre instrucção publica, sciencias, lettras e artes, que se publica nesta capital sobre a direcção do proficiente educacionista brasileiro, sr. professor Octavio Pires, que, com o illustre sr. professor Agnello Bittencourt, dirige tambem o importante collegio Sant' Anna Nery desta cidade.

Como o primeiro, este segundo numero da *Revista* traz uma boa copia de artigos interessantes sobre assumptos philologicos, didacticos e literarios.

Com taes primicias auguramos que a *Revista* conquistará, sem difficuldade, um logar de honra entre as suas congeneres.»

(*Diario Official* de 21 de Fevereiro).

«Foi distribuido ha dias o 2.º numero da *Revista Amazonense*, util e interessante publicação official de instrucção publica e belletristica, sob a direcção do professor sr. Octavio Pires.

Insere boa collaboração, variada e selecta, o movimento da secretaria da Instrucção Publica e do Gymnasio e Escola Normal do Estado, bem como outras informações de incontestavel interesse.

Agradecemos os exemplares recebidos.»

(*Amazonas*, de 20 de Fevereiro).

«Recebemos e agradecemos os n.os 1 e 2 da *Revista Amazonense*, util e interessante publicação official de instrucção publica e belletristica, sobre a criteriosa direcção do competente professor Octavio Pires e com um selecto grupo de redactores e collaboradores».

(*Ideal*, de 24 de Fevereiro).

O n.º 2 da *Revista Amazonense*, publicação official de ensino no vizinho Estado, não desmerece do anterior, contendo excellente copia de materia sobre assumptos da especialidade a que se dedica.

A *Revista Amazonense* é da direcção do antigo e habil professor sr. Octavio Pires, que por longos annos prestou á instrucção

publica do nosso Estado o concurso da sua intelligencia.»

(*Folha do Norte*, de 24 de Fevereiro).

«*Revista Amazonense*, anno I, numero 1, publicação official sobre instrucção publica, sciencias, letras e artes, fundada pelo governo do dr. Constantino Nery, illustre presidente do Estado.

Sob a direcção de Octavio Pires e com um brilhante corpo de redactores, apresenta-se esta revista por forma a despertar fortemente a attenção publica, tratando com maestria dos varios assumptos do seu programma.

Neste primeiro numero destaca-se uma brilhante poesia — «Esposa e mãe», de Theodoro Rodrigues.»

(*Malho*, de 17 de Janeiro.)

INSTRUCÇÃO PUBLICA

Movimento do mez de Janeiro de 1906

MOVIMENTO DO PROFESSORADO

Exonerações

De D. Elisa Taveira Pereira, a pedido, do cargo de professora interina da escola mixta de Guajaratuba. — 11 — 1 — 06.

Do Sr. Joaquim da Costa Teixeira, do cargo de professor interino da cadeira da escola mixta de Floriano Peixoto. 16 — 1 — 06.

De D. Maria José dos Santos Luz, a pedido, do cargo de professora interina da cadeira da escola do sexo feminino de São Gabriel. — 26 — 1 — 06.

Nomeações de lentes

Do Sr. pharmaceutico Vicente Telles de Souza Junior, interinamente, para reger a cadeira de geographia e historia da Escola Complementar do sexo masculino. 12 — 1 — 06.

Do Sr. pharmaceutico Marciano Armond, interinamente, para reger a cadeira de Historia Natural do Gymnasio Amazonense. — 26 — 1 — 06.

Remoção

Do professor da escola mixta de «Cabory», no Rio Negro, Sr. João Paulo de Andrade, para a de igual categoria na Conceição da Boa Vista de «Manacapurú. — 12 — 1 — 06.

Inspecção escolar

Distribuindo do seguinte modo o serviço de inspecção do ensino na capital, durante o corrente mez: 1.ª Secção, Dr. Benedicto Fidou; 2.ª, Dr. Theogenes da Silva Beltrão; 3.ª, professor Antonio Monteiro de Souza e 4.ª, Dr. Armando de Berredo.

Licenças

A' professora de Muiracauéra, municipio de Itacoatiara, d. Maria Carolina de Oliveira Lima, 30 dias, em prorogação, para tratamento de saude. 18—1—06.

A' professora da capital, d. Margarida Mattos de Abreu, 30 dias, para tratamento de saude. 18—1—06.

A' professora da capital, d. Palmira Ribeiro Alves Maia, 6 mezes, de accordo com a lei de 27 de Novembro de 1905, promulgada pelo Congresso do Estado, para tratamento de saude. 17—1—06.

A' professora de Canutama, d. Thereza Pires Coelho, 60 dias, para tratamento de saude. 18—1—06.

A' professora de Tabocal, d. Lauredana dos Santos Oliveira, 90 dias, para tratamento de saude. 25—1—06.

A' professora de Pinaquequara, d. Angelica da Silva Simões Véras, 60 dias para tratamento de saude. 23—1—06.

MOVIMENTO DA SECRETARIA

Officios ao Governo	27
» ao Thesouro	53
» a diversas autoridades	26
» a professores	10
Portarias	9
Registo de titulos, apostillas e licenças	14
Termos de promessa	2
Reuniões da Congregação	2
Actas da Congregação	2
Requerimentos entrados	37
» despachados	37
Pedidos entrados	20
» despachados	12

Officios recebidos:

Do Governo	8
De professores	90
De diversos autores	40

GYMNASIO AMAZONENSE

Movimento do mez de Janeiro de 1906

Officios expedidos	13
» recebidos	8
Petições entradas	15
» despachadas	15
Livros consultados na bibliotheca	12

MOVIMENTO DAS AULAS

Portuguez	1.º	anno	4 aulas
»	2.º	»	4 »
»	3.º	»	4 »
»	4.º	»	2 »
Francez	1.º	»	1 aulas
»	2.º	»	1 »
»	3.º	»	0 »
»	4.º	»	0 »
Inglez	2.º	»	8 »
»	3.º	»	8 »
»	4.º	»	6 »
»	5.º	»	1 »
Allemão	4.º	»	9 »
»	5.º	»	5 »
»	6.º	»	2 »
Latim	3.º	anno	5 »
»	4.º	»	3 »
»	5.º	»	2 »
Grego	4.º	»	4 »
»	5.º	»	3 »
»	6.º	»	0 »
Geographia	1.º	»	8 »
»	2.º	»	8 »
»	3.º	»	4 »
Historia Universal	4.º	»	7 »
» »	5.º	»	7 »
» do Brasil	6.º	»	5 »
Mathematica	1.º	»	7 »
»	2.º	»	10 »
»	3.º	»	7 »
»	4.º	»	13 »
»	5.º	»	8 »
Physica e chimica	5.º	»	1 »
» » »	5.º	»	1 »
Historia Natural	5.º	»	3 »
» »	6.º	»	9 »
Literatura	5.º	»	5 »
»	6.º	»	2 »
Logica	6.º	»	7 »
Desenho	1.º	»	10 »
»	2.º	»	10 »
»	3.º	»	10 »
»	4.º	»	10 »
Gymnastica e Esgrima			5 »
Tachygraphia			10 »

Typ. da Liv. Classica—Manaos

COLLEGIO

Sant'Anna Nery

Estabelecimento de instrucção primaria e secundaria

DIRECTORES

Octavio Pires e Agnello Bittencourt

Recebe alumnos internos, semi-internos e externos

PREÇO DAS PENSÕES POR TRIMESTRES

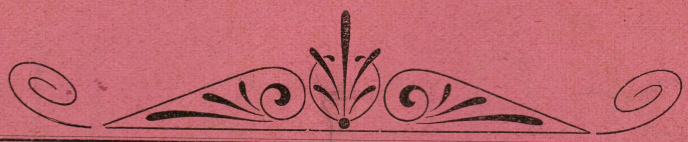
CURSO PRIMARIO		CURSO SECUNDARIO	
Alumnos internos.	400$000	Alumnos internos.	450$000
„ semi-internos . . .	180$000	„ semi-internos . . .	250$000
„ externos	60$000	„ externos, por materia .	20$000 Por mez

Rua Ramalho Junior, n. 29

OS DIRECTORES,

Octavio Pires

Agnello Bittencourt



O papel empregado em todos os trabalhos, recommenda-se pela superioridade do seu fabrico

LIVRARIA CLASSICA

Rua Guilherme Moreira e Canto da Theodureto Souto

MANAOS - BRAZIL

J. J. DA CAMARA

LIVRARIA	ARTIGOS PARA ESCRIPTORIO	PAPELARIA
Grande variedade de livros de instrucção, sciencias, litteratura, viagens, leituras infantis e Romances	Escrevaninhas, tinteiros, regoas, canetas, lapis, raspadeiras, buvards, etc., e todos os objectos necessarios a um bem montado escriptorio.	Grande sortimento de papeis de correspondencia, escripturação, impressão, phantazia e envelopes, etc., etc.

FABRICA DE CONFETIS — **OFFICINAS A VAPOR** — FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

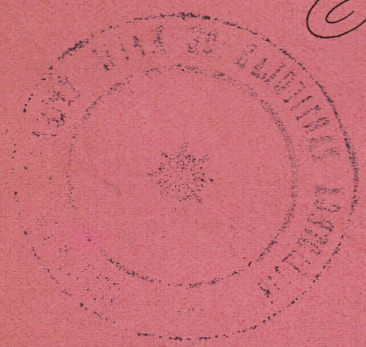
TYPOGRAPHIA	ENCADERNAÇÃO	LIVROS EM BRANCO	PAUTAÇÃO
Executa-se qualquer trabalho a preto ou a côres, com a maxima presteza e preços modicos	Fazem-se encadernações desde a mais simples á mais luxuosa.	Para escripturação com riscado a gosto do freguez. Jogos de livros com encadernações de couro, etc.	Pauta-se com a maior perfeição papel para livros, facturas, memoranduns, etc., etc.

Executa-se com a maior brevidade possivel qualquer encommenda, para o que ha machinas aperfeiçoadas e pessoal habilitado.

Recebem-se constantemente obras litterarias e scientificas dos mais celebres escriptores.

Acceitam-se encommendas de trabalhos de autotypia, zincographia, reproducção de quadros, gravuras, desenhos á penna, aguarellas, etc.

A' venda—Grande collecção de bilhetes postaes illustrados.



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura